

Comentários sobre os trabalhos *Rodas de conversa entre a educação e a psicanálise e Adolescência e realidades sociais marginalizadas: sobre uma experiência de psicanálise aplicada**

*Raul Hartke**, Porto Alegre*

Eu gostaria inicialmente de agradecer o convite de vocês para debater estas interessantes e valiosas atividades que a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre vem desenvolvendo em parceria com as instituições de educação infantil. Devo confessar que, em um primeiro momento, o convite despertou-me certa surpresa e mesmo apreensão. Afinal, não tenho contato com este tipo de atividades, embora mantenha certa curiosidade por elas e valorize quem a elas se dedica, como é o caso de vocês.

Parti do pressuposto que vocês esperavam a contribuição de um olhar de fora, para estimular a abertura de outros vértices e, assim, de questionamentos que pudessem ampliar e aprofundar as reflexões que já vêm realizando, conforme relatam os textos produzidos.

Iniciei, portanto, comentando o relato das atividades ligadas ao Projeto Pescar. Já que o objetivo é o debate começaria levantando questões sobre o título

* O presente trabalho foi apresentado em uma Quinta Científica realizada na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre em maio de 2015. Trata-se do comentário a respeito de duas atividades desenvolvidas pela SPPA: uma sobre a experiência junto à SMED (Secretaria Municipal de Educação) e outra sobre a experiência do grupo que trabalha em parceria com o Projeto Pescar.

** Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

do trabalho. Será que vocês realmente abordam no texto os *limites e alcances da psicanálise na adolescência*¹ de um modo tal que justificaria incluir este tópico no título? Além disso, será que estão abordando a psicanálise na adolescência? Pareceu-me que enfocam, de modo, aliás, muito interessante, possibilidades de aplicações da psicanálise em adolescentes!

Isto pode ser apenas uma questão de escrita, sem que necessariamente traduza de fato uma posição do grupo no sentido de que estariam realizando uma psicanálise na adolescência. Mas, se for este o pensamento, acho que já teríamos aqui um ponto importante para discussão. Seria mesmo psicanálise? Quero, entretanto, frisar que isto absolutamente não desmerece o trabalho que vem sendo realizado.

Quanto à atividade em si e à maneira como vocês a estão pensando e, conseqüentemente, estruturando, dentre os vários vértices possíveis de discussão pareceu-me sobremaneira interessante e importante o fato de darem especial importância ao trabalho de elaboração e transformação que foi ocorrendo na mente e nas atitudes das coordenadoras dos grupos. Este é um tema com o qual sintonizo imediatamente com vocês.

Conseqüentemente, meu vértice de abordagem do problema fica muito mais próximo daquele de vocês do que imaginei antes de ler os textos. Se, por um lado, isto diminui a possibilidade de uma visão mais crítica, por outro me parece favorecer um diálogo fértil entre nós. Afinal, como diz Bion (1970), dois vértices diferentes de aproximação a um problema não podem ser tão próximos a ponto de não gerarem pontos de confrontações, nem tão distantes que impeçam quaisquer correlações.

Para mim, esse trabalho na mente do terapeuta ou coordenador implica seu interesse e dedicação para, efetivamente, entrar em contato com a experiência emocional em vias de ocorrer na relação naquele momento e tem em si um efeito terapêutico crucial. Talvez constitua, inclusive, a base fundamental dos efeitos terapêuticos, pois transmite ao paciente ou ao grupo o desejo, a disponibilidade e a capacidade (quando ocorre), do analista ou das coordenadoras, de efetivamente acolher, contatar e, em conjunto, procurar elaborar as experiências emocionais que estão sendo vivenciadas.

Implica, a meu ver, um trabalho árduo, angustiante e contínuo para tentar gerar e manter, na relação, um *objeto combinado*, como diz Meltzer (1988), que,

¹ N.R.: O trabalho a que o comentarista está se referindo chamava-se originalmente *Realidades sociais marginalizadas: limites e alcances da psicanálise na adolescência*. Este título foi modificado pelos autores para publicação, passando a ser *Adolescência e realidades sociais marginalizadas: sobre uma experiência de psicanálise aplicada*, a partir desses comentários.

introjetado, servirá como um ideal de ego inspiracional. Um objeto combinado no sentido de uma parceria (assimétrica) formada pela dupla analítica ou pelos membros do grupo no trabalho conjunto para criar e preservar algo fértil, assim como os pais se unem para gerar e criar filhos. E isto em meio a uma tempestade de emoções, desejos, angústias etc., que, por diferentes razões, militam todo o tempo contra este objetivo, tanto no analista e nos coordenadores como no paciente e nos membros de um grupo.

Repito: objeto combinado no sentido de uma conjunção criativa e complementar capaz de gerar e zelar pelo desenvolvimento de seus frutos. Inspiracional significando que aquele que o internaliza possa mantê-lo como referência, mas seguir seu próprio caminho, ter seus próprios objetivos, diversamente de aspiracional, isto é, que almeja, narcisicamente, tornar-se igual ao outro para conseguir aprovação e recompensas. Insisto em que essa introjeção terapêutica refere-se ao par analítico ou ao trabalho conjunto do grupo e não apenas à figura do analista ou dos coordenadores, porque o árduo trabalho que a ela pode conduzir depende de todos os participantes, cada qual em seu papel. Para mim é justamente a luta no sentido de criar e manter este objeto combinado em meio a todas essas tempestades que constitui o modelo que poderá eventualmente ser internalizado por todos os membros da relação.

Em número recente de uma revista semanal brasileira, há uma entrevista com o psiquiatra americano Daniel Siegel, especialista em comportamento infantil e adolescente, cujo livro mais recente intitula-se *No drama discipline (Disciplina sem drama)* (2014). Quando arguido sobre o que os pais deveriam fazer para reforçar os laços com seus filhos, Siegel diz algo que, a meu ver, vem totalmente ao encontro do que acabei de referir a respeito do efeito terapêutico deste trabalho na mente do analista ou dos coordenadores de um grupo e que vocês ilustraram de modo muito rico. Os pais, afirma ele:

[...] precisam fundamentalmente abrir uma pausa e refletir sobre o que está acontecendo em sua cabeça. Pesquisas científicas mostram que a melhor atitude dos pais em relação à educação dos filhos é mergulhar em sua própria reflexão. Os pais que não têm a habilidade de entender o próprio comportamento, incapazes de perceber onde erram ou exageram, acabam tratando os filhos como objetos e não como seres humanos. Geralmente, as crianças não respondem muito bem a essa postura. A longo prazo – continua Siegel – não conseguem desenvolver o que chamo de compasso interno – algo que guiará o modo de ser das crianças pelo resto da vida, como o senso de moralidade e de autocontrole (*Revista Veja*, 22 de abril de 2015).

Eu cito Siegel apenas para ilustrar como esta forma de pensar não é estranha a áreas fora da psicanálise. Penso que este trabalho realizado na mente dos coordenadores, visando ao verdadeiro contato e trabalho conjunto com os adolescentes, fica bem evidente e ilustrado nas seguintes linhas de transformações por vocês descritas no texto:

1. Mudança da escolha, digamos *narcisista*, do tema para debate, isto é, o filme *Antes que o mundo acabe* (Azevedo, 2009), envolvendo os problemas vividos por adolescentes da classe média, mais próxima às coordenadoras, para uma escolha *altruísta*, que reconhece a realidade e o desejo do outro, daquele que é diferente de nós. Isto, a meu ver, permitiu não apenas um contato maior com o grupo, como também, e por isto mesmo, a localização de diferentes interesses e características dentro dos próprios grupos.

O adolescente Elvis assume, então, o papel de porta-voz do grupo e propõe o filme violento, *Cidade de Deus* (2002). Aqui é muito interessante ver a angústia e o trabalho de elaboração interna que as coordenadoras precisaram realizar, e a isso se dispuseram, frente a tal proposta. A meu ver, aqui está um exemplo do trabalho árduo e difícil, mas fundamental, da construção de um verdadeiro objeto combinado terapêutico, que implica um mergulho na autorreflexão. Um trabalho de continência das angústias verdadeiramente presentes no grupo. Questionei-me por que chamaram o jovem de Elvis. Pela característica de rebeldia que o rock envolve? Mas por que Elvis, tão antigo e lá do início do rock?

Penso que também houve sensibilidade ao debaterem o filme apenas com o grupo que o solicitou. Um maior contato e sintonia também levam à discriminação adequada das necessidades e possibilidades de cada filho e filha, cada paciente, cada grupo. E não tenho dúvida que o grupo sente isto e, assim, também se identifica com a luta para a instalação e manutenção do objeto combinado, mesmo que, simultaneamente, o provoque e ataque de forma constante.

O enfrentamento deste *desafio* (termo que as próprias autoras utilizam a esta altura) proposto pelo grupo pode também ser visto como o ponto de partida para a constituição de um *moment of meeting* que, segundo Daniel Stern, constitui um momento terapêutico especial em uma relação, desde que adequadamente enfrentado e aproveitado, como, a meu juízo, vocês conseguiram. Esses momentos sempre envolvem uma situação nova, desconhecida até então e que promove (ou não) mudanças importantes de compreensão e abordagem no terapeuta, nos pacientes e, eu diria, no grupo e nos coordenadores. Penso que isto ocorreu com vocês.

O resultado, no grupo, foi o aparecimento de diferentes vértices de percepção

dos problemas. E a *multiplicação de vértices*, na vivência e compreensão de um problema constitui, para Meltzer (1986), seguindo Bion, outro fator terapêutico fundamental. Isto é bastante distinto da busca do que seria a verdade última, geralmente baseada em desejos narcísicos de completude e autossuficiência de quem a propõe ou julga tê-la descoberto.

A liderança do grupo foi redistribuída, desfazendo o risco de uma cristalização defensiva em um líder dogmático, risco sempre presente e relacionado a um suposto básico de luta e fuga. O próprio Elvis também se tornou mais participativo, por encontrar um espaço de continência no grupo (mais do que um limite, a meu ver).

Mas qual seria o efeito desta mudança, ocorrida no grupo, nas vidas de cada um de seus participantes, quando de novo em contato com o mundo externo no qual *a droga está na porta*? Que efeito terapêutico terá esta experiência, ou mesmo experiências deste tipo, ao longo de um ano de encontros mensais? Eu quero crer que existe, mas não temos como afirmá-lo, até porque é possível que o contato posterior com estes jovens se perca totalmente! O que fazer para estudar essa questão?

Os pais dos jovens mostraram-se gratos e relataram mudanças nos filhos. Só isto já deve servir de incentivo para o prosseguimento do trabalho, mas não exclui a importância da avaliação dos resultados em longo prazo. Outro efeito positivo, a meu ver, foi a procura de atendimento individual por parte de alguns destes adolescentes, que devem ter se sentido mobilizados e acolhidos pelo grupo.

2. Um segundo vértice de transformações terapêuticas na mente e na atitude dos coordenadores foi, a meu ver, a mudança da discussão de filmes com os adolescentes para um tipo de discussão mais aberta e direta, com a inclusão dos pais junto aos filhos e, em seguida, da equipe do projeto, no trabalho das coordenadoras.

A dispensa do que poderia ser uma proteção defensiva oferecida pelos filmes gerou nova crise que outra vez foi, a meu ver, muito bem contida e aproveitada frutiferamente pelas coordenadoras e pelo grupo. Não apenas as dificuldades de comunicação entre adolescentes e adultos se debateu, como ocorreu o aludido trabalho com as dificuldades da equipe. Haveria até então certa dissociação no grupo como um todo? Os coordenadores teriam entrado neste grupo maior (o Projeto Pescar) e, de alguma forma, gerado uma cisão, deixando a equipe se sentindo só e perdida? Teria isto gerado ou poderia vir a ocasionar uma idealização dos grupos em detrimento da equipe fixa do projeto?

Como quer que seja, os coordenadores novamente foram sensíveis ao

problema e passaram a trabalhá-lo. Penso que, na conceitualização de Gerald Caplan (1964), o trabalho das coordenadoras passou a incluir uma consultoria também centrada no consulente (o Projeto Pescar) e não apenas no cliente (os adolescentes). Mas isto, como qualquer evolução, veio acompanhado de uma nova crise, desencadeada pelo roubo do computador de um dos professores. Uma crise que justamente levou à priorização do trabalho com os professores. Agora eles não eram mais os esquecidos, ou seja, houve a inclusão de uma parte quem sabe até então cindida ou menos considerada.

Tal mudança mais uma vez despertou angústia e a necessidade da elaboração interna nos colaboradores. A meu ver, novamente, evidenciou-se a importância deste fator (as transformações na mente dos coordenadores) para as eventuais transformações terapêuticas do grupo como um todo. Os autores referem-se a um “momento de desorganização e de angústia” (Cimenti *et al.*, 2016, p. 381) neles próprios que, no entanto, foi localizado, contido e processado, possibilitando a retomada dos trabalhos. Eis aí, para mim mais uma vez, a expressão do fator que considero fundamental no trabalho que vocês estão realizando, já que, sem ele, nenhuma outra transformação poderá ocorrer nos grupos e na instituição.

Os autores referem-se à experiência transformadora neles ocorrida graças ao olhar sobre si mesmos. Concordo plenamente e apenas estou acrescentando que, a meu juízo, esta experiência transformadora neles ocorrida é a base e o elemento mais importante para que as transformações nos grupos e na instituição possam acontecer. É o que possibilita a criação e manutenção do objeto combinado como ideal de ego inspiracional, conforme referi acima.

No encontro de 17 de abril de 2015, já não temos mais um filme a ser debatido. O que vemos é a discussão livre dos conflitos e angústias próprios do momento e da situação de vida dos participantes, com um estímulo inicial dos coordenadores. Estaríamos agora mais próximos de um grupo terapêutico com inspiração psicanalítica? Um grupo com três coordenadores, com uma técnica calcada em um estímulo inicial oferecido de improviso por esses coordenadores e seguida pela seleção de uma palavra escolhida por cada participante e sobre a qual ocorreriam depois livres associações? Quais seriam os fundamentos desta suposta técnica? Qual sua eficácia a médio e longo prazo? Existem outras experiências relatadas na literatura com esta mesma técnica? É uma criação destes grupos da SPPA que mereceria divulgação, estudo e debate? Esta questão não está abordada no texto e penso que deveria constar com mais detalhes.

Contudo, mais uma vez, nesse novo momento do processo, uma porta-voz do grupo encarrega-se de trazer para dentro da reunião uma angústia básica: o medo e a agressão (assassinato). Obviamente, tomamos essa referência como

uma manifestação do grupo como um todo. Acho que isto de novo gera uma crise, no sentido chinês do termo, isto é, de perigo e oportunidade. E, assim, mais uma possibilidade clara de constituição de um *moment of meeting* (Stern *et al.*, 2000). Mas será que, desta feita, as coordenadoras (poderia dizer a *mente ou função coordenadores*?) não acabaram se defendendo da angústia gerada naquele momento, saltando defensivamente para uma interpretação algo abstrata a respeito de *matar partes de si mesmo*, interpretação esta de certa forma ridicularizada pela jovem porta-voz do grupo?

Para mim, foi isto que ocorreu. Não creio ter sido apenas coincidência o fato de esta reação, que vejo como *evasiva* por partes dos coordenadores, ter ocorrido justamente quando a agressão deixou de ser localizada apenas no mundo fora do grupo para surgir dentro dele e, desta feita, em um papel ativo, expressado pela jovem que teria matado alguém. Assim, parece-me que a angústia derivou de um temor acerca da agressão, emergindo diretamente no interior do grupo, o que é muito diferente de ser descrita ocorrendo fora dele ou, por exemplo, em um filme.

Atire, porém, a primeira pedra quem já não teve reações deste tipo em seus consultórios ou instituições. Nenhum de nós é permanentemente continente. Novamente me parece que é terapêutico para o paciente e para o grupo saberem que o terapeuta e os coordenadores são humanos e que, dentro de certos limites, também se angustiam e se defendem. Mas que, qual um *João-Bobo*, por vezes quase caem (não totalmente), mas sempre (esperamos) se levantam. Freud (1914) gostava muito do lema escrito no brasão da cidade de Paris e que me parece apropriado para estes momentos: *Fluctuat nec mergitur* (As ondas o abalam, mas não o afundam).

Em termos gerais eu localizaria as seguintes transformações ocorridas nas mentes das coordenadoras e que constituiriam a base favorável às eventuais transformações ocorridas nos grupos, nos adolescentes e na instituição Projeto Pescar:

- da relação *narcísica* dos coordenadores à relação comunicativa;
- dos filmes à própria vida;
- das cisões com exclusões de partes da instituição à inclusão gradual de todos os participantes;
- do ato à palavra (como no caso do roubo do computador).

Podemos desejar mais? Repito que não temos como avaliar, nos relatos, os efeitos terapêuticos a médio e longo prazo nos colaboradores e na instituição, mas vejo mudanças presentes alvissareiras.

É claro que, parodiando Bion, também não podemos excluir a possibilidade

de que o maior efeito do trabalho seja a melhora de um sintoma em nós mesmos, isto é, o alívio da culpa que eventualmente carregamos dentro de nós por fazermos parte de um grupo privilegiado em um mundo com tantas diferenças e marginalizações. A meu juízo, a maioria destes comentários que teci até aqui sobre o Projeto Pescar aplica-se também ao relato daquele entre a SMED e a SPPA.

A atividade desenvolvida já foi, desde o início, inclusiva – toda a instituição participava. Mas também nesse caso a atividade evoluiu (graças às proposições das educadoras e à capacidade de escuta das psicanalistas) de um formato, a meu ver mais protegido, de curso, para o que passou a ser chamado – pelas educadoras – de *rodas de conversa* e que, na descrição das analistas, se aproxima mais de um atendimento ou assistência em grupo. Digo isso porque o grupo é voltado para uma determinada tarefa ou problema, mas tem sempre os mesmos coordenadores, a escuta das analistas abrange também o funcionamento grupal e os conteúdos latentes e a fala é livre.

Os objetivos são a expansão da capacidade de pensar do grupo e de seus participantes graças à introjeção do modelo de funcionamento propiciado pelos coordenadores. Para mim, aqui valeria mais uma vez a concepção acerca do efeito terapêutico da criação e manutenção do *objeto combinado inspiracional*. Isto também teria a ver com a questão do *ser versus o saber* como fator de eficácia referido pelos autores (Lewkowicz *et al.*, 2016).

Apenas acrescentaria na frase da referida página, relativa aos analistas como modelos de continência, que, ao final e ao cabo, o modelo é constituído pela capacidade de continência e trabalho de todo o grupo. Aliás, os educadores, pelas condições difíceis e precárias em que persistem labutando, também são modelos de continência para nós, analistas, inclusive porque não contam com toda a formação e estrutura de suporte de que dispomos, como é destacado no texto. Para mim, a capacidade de resiliência destas pessoas, como citam os autores do trabalho, é realmente exemplar, para não dizer invejável.

A leitura do texto deixou-me a impressão de que a compreensão do funcionamento grupal por parte dos analistas tem uma fundamentação bioniana. Sendo assim, ao lado do grupo de trabalho – claramente evidente nos relatos – sabemos que estão também sempre presentes supostos básicos, de dependência, de acasalamento ou de luta e fuga. Não sei como isto se manifesta nem como é *administrado* nas reuniões.

No relato dos autores a técnica utilizada estaria calcada em intervenções que serviriam como continentes do desamparo e desvalia e que salientariam a recuperação e/ou ampliação de potenciais sentidos como perdidos. O objetivo

seria criar um espaço para processar problemas específicos enfrentados no trabalho cotidiano, assim como suas angústias correlatas. Esta técnica propiciaria uma expansão da capacidade de continência, do pensar, bem como uma legitimação e validação grupal das capacidades individuais. Isto é caracterizado como uma “aplicação do método analítico” (Lewkowicz *et al.*, 2016, p. 369). Suponho que os autores estejam querendo aqui significar não o uso do método analítico em psicoterapia ou, como diz Bion (1970), *terapêutica de grupo* (que envolveria outro tipo de interpretações bem como outros objetivos), mas sim uma forma peculiar da aplicação deste método, ou, melhor ainda, da aplicação da teoria psicanalítica sobre grupos, uma aplicação singular, que, aliás, mais uma vez me parece bastante interessante e fértil.

De qualquer forma não está relatado como os coordenadores dos grupos compreendem as fantasias inconscientes grupais (para as quais dizem estar atentos), nem muito menos que uso fazem delas, se o fazem. Com isto não quero dizer que precisariam realizar isto. Mas me chama a atenção o fato de referirem estar atentos aos fenômenos grupais, ao conteúdo inconsciente e à linguagem não verbal, por exemplo.

E é bom não esquecer que todo grupo de trabalho tem sempre subjacente um suposto básico a influenciá-lo, seja negativa, seja positivamente. E que cada SB exige um tipo peculiar de liderança. Assim o grupo pode esperar que, magicamente, o líder resolva todos os problemas, que alguém ou algo no futuro solucione tudo (esperança messiânica), ou que o líder localize no presente um inimigo (seja este uma pessoa, um grupo, uma ideia ou situação) que precisarão atacar ou dela fugir. Haveria o predomínio de alguma destas expectativas nestes grupos?

É claro que partilho com os autores o pensamento quanto ao alcance e à natureza do efeito terapêutico, como referi no caso do Projeto Pescar. Estaria, sem dúvida, novamente faltando uma avaliação a médio e longo prazo. E nem consigo imaginar a complexidade dos instrumentos de avaliação apropriados nesse caso. Mas nem por isso eu deixaria de prosseguir realizando tais atividades.

Julguei muito rico, pertinente e considereei como um fruto importante destes anos de parceria todos os questionamentos que os autores levantam ao final do trabalho. Denotam capacidade do grupo de prosseguir uma atividade, mesmo às voltas com incertezas, dúvidas, desconhecimentos. E, mais uma vez, os psicanalistas (e também os educadores) revelam e valorizam as transformações ocorridas neles próprios a partir do contato com realidades tão diferentes daquelas vividas em seus consultórios privados.

Pareceu-me também muito pertinente o alerta quanto aos riscos, seja de

naturalização das diferenças, por um lado, seja de *patologização* das mesmas, por outro. Esta é mais uma lição válida também para nossos consultórios, já que ali estamos sempre lidando com diferenças (mesmo de outras ordens) que igualmente podemos *naturalizar* ou *patologizar*. E o que dizer do alerta acerca das vulnerabilidades em nossos espaços ditos de baixa vulnerabilidade socioeconômica? Outra lição! Outra abertura! Outro aprendizado a partir de uma experiência emocional!

Por tudo isto penso que, para nós psicanalistas, só estes questionamentos já seriam um grande resultado derivado destas férteis experiências de trabalho... e de vida. Meus sinceros parabéns a todos vocês e meus votos de longa vida a tais projetos e parcerias. □

Referências

- Azevedo, A. L. (Dir.) (2009). *Antes que o mundo acabe*. [DVD]. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre.
- Bion, W. R. (1970). Attention and interpretation. In W. R. Bion, *Seven servants. Four works by Wilfred R. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977.
- Caplan, G. (1964). *Princípios de psiquiatria preventiva*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- Cimenti, M. E., Tonetto, H., & Valentini, I. B. (2016). Adolescência e realidades sociais marginalizadas: sobre uma experiência de psicanálise aplicada. *Revista de psicanálise da SPPA*, 23 (2): 377-388.
- Freud, S. (1914). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. *Obras completas*, (Vol. 14, pp. 1-64). Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- Lewkowicz, A. B., Fuhrmeister, A. et al. (2016). Rodas de conversa entre a educação e a psicanálise. *Revista de psicanálise da SPPA*, 23 (2): 361-375.
- Meirelles, F., & Lund, K. (Dir.) (2002). *Cidade de Deus*. [DVD]. Rio de Janeiro: Globo Filmes.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1988). *The apprehension of beauty*. Strath Tay: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1986). El uso clínico del concepto de vértices. In *Metapsicología ampliada*. (pp. 75-80). Trad. Maria Cristina Sardoy. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- Siegel, D. & Bryson, T. P. (2014). No-drama discipline. The whole-brain way to calm the chaos and nurture your child's developing mind. New York: Bantam, p. 288.
- Siegel, D. (2015, 22 de abril). Coluna Comportamento. *Revista Veja*, edição 2422.
- Stern, D. et al. (2000). Mecanismos não interpretativos na terapia psicanalítica. *Algo mais além da interpretação. Livro Anual de psicanálise*, 14: 197-214.

Recebido em 01/02/2016

Aceito em 16/05/2016

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Raul Hartke

Rua Itaqui, 98/305

90460-140 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: rahartke@brturbo.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA